



Recebido em: 13/06/2019

Aceito em: 20/10/2019

Livro dos Mortos no “fim” do Egito Antigo: entre a tradição e a inovação

Book of the Dead in the “end” of Ancient Egypt: between tradition and innovation

Doutorando Thiago Henrique Pereira Ribeiro¹

UFRRJ

<http://lattes.cnpq.br/4755692220226363>

Resumo: O *Livro dos Mortos* egípcio foi um dos mais marcantes itens da religião funerária dessa antiga civilização, tendo sido empregado por cerca de mil e quinhentos anos. Contudo, há um momento de quebra de continuidade de seu uso em inícios do I milênio AEC, seguido de uma retomada, dentro de um novo contexto, com renovações e remodelações que levam os atuais pesquisadores a chamarem-na de *versão* ou *recensão saíta*, em oposição à anterior, denominada *tebana*. Ao fazerem isso, os antigos egípcios acabam por jogar com a relação entre inovação e respeito à tradição. O intuito deste texto, fruto de nossa atual pesquisa de Doutorado em História, é apresentar essa questão dúbia, abordando o contexto de surgimento dessa recensão saíta e as relações possuídas com sua antecessora.

Palavras-chave: Egito Antigo; Religião; Livro dos Mortos; Período Tardio; XXVI Dinastia.

¹ Discente do curso de Doutorado em História pelo PPGH – UFRRJ sob orientação do professor Marcos José de Araújo Caldas. Pesquisa financiada pela CAPES e dotada do título “Para Sair à Luz do Dia”: *Livro dos Mortos e Arcaísmo na XXVI Dinastia do Egito Antigo (séculos VII - VI AEC)*

Abstract: The Egyptian *Book of the Dead* was one of the most remarkable items of the funerary religion from this ancient civilization, with a usage that endured for about one thousand and five hundred years. However, there is a moment of break in the continuity of its employment in the beginnings of I millennium BCE, followed by a retaking, in a new context, with renovations and remodelations that led present scholars to call it *Saite recension or version*, in opposition to the precedent, labelled *Theban*. By doing so, the ancient Egyptians end by playing with the relation between innovation and respect towards tradition. The aim of this text, fruit of our present PHD research in History, is to introduce this dubious question, approaching the context of appearance of this Saite recension and the relationship between it and its predecessor.

Keyword: Ancient Egypt; Religion; Book of the Dead; Late Period; 26th Dynasty.

O primeiro milênio AEC foi um momento de intensas mudanças na Antiguidade como um todo. Foi nele que famosos impérios asiáticos, como assírios, persas e os distantes chineses fizeram seu surgimento, assim como se desenvolveram civilizações como a judaica, a grega e a romana, tão importantes para o atual mundo ocidental. É nesse I milênio que se gestaram a Filosofia das *póleis* gregas e os ensinamentos de Gautama Buda, que ocorreu grande parte da história judaica, hoje com importância religiosa para uma parcela considerável da população mundial, e a expansão territorial romana, a qual executou um grande redesenhamento geográfico e cultural no continente europeu. No entanto, em meio a tudo isso, a civilização egípcia já era bastante antiga.

Apesar de já contar com cerca de vinte séculos de longevidade, o Egito do I milênio AEC está diferente de momentos anteriores de sua história. Durante a maior parte desse período, a civilização do Nilo se encontrou sob o domínio de povos ou dinastias estrangeiras: líbios, núbios, assírios (brevemente), persas, gregos e, por fim, romanos. Foram poucos os momentos de governança nativa, sendo mais expressivos os aproximadamente dois séculos (VII-VI AEC) que correspondem ao governo encabeçado pela XXVI Dinastia egípcia², momento que costuma ser também chamado de *período saíta* graças à cidade (Sais) que lhe serviu de capital. Durante sua existência, a XXVI Dinastia foi marcada por, dentre outras coisas, uma forte tendência de se voltar ao passado para efetuar suas próprias produções. Apesar dessa atitude não ter sido inaugurada por essa Dinastia (ASSMANN, 2002: 339; KAHL, 2010: 5; MANUELIAN, 1994: 1-2), a profundidade e o afincô com que os saítas se dedicaram à prática foi realmente marcante: ela atingiu áreas como arte, arquitetura, modos de expressão e representação e, como não poderia deixar de ser, envolveu também a religião.

Talvez um dos elementos mais interessantes de ser analisados durante o período dessa Dinastia seja o chamado *Livro dos Mortos*. Este item, que se integra a uma longa tradição funerária que recua até o III milênio AEC, entrou em desuso nos séculos anteriores ao período saíta, mas retorna com a XXVI Dinastia possuindo uma nova faceta: remodelado, teve seu conteúdo reorganizado e reestetizado, de modo que os estudiosos costumam afirmar que se trata de uma nova versão, normalmente chamada de *recensão saíta* (cf. TAYLOR, 2001: 198; CARDOSO, 2011: 79; MOSHER,

² Tradicionalmente, a história do Egito Antigo se divide em grandes períodos (Reino Antigo, Reino Médio, Reino Novo e Período Tardio) que são intercalados entre si por três momentos de descentralização política chamados de Períodos Intermediários. Além disso, também é tradicional se referir à cronologia não com base nos séculos, apesar de serem comumente apontados, mas com base na Dinastia (por isso seu uso com letra maiúscula) de reis vigentes.

2017: 85). No entanto, podemos afirmar, a partir dos conhecimentos atuais sobre a cultura dessa civilização, que os antigos egípcios viam essa nova formulação como algo que não era apenas uma retomada, mas essencialmente uma continuidade da tradição anterior. Tem-se, com isso, um jogo dual de inovação com tradição.

O intuito deste texto é fornecer uma exposição mínima sobre o que foi exposto acima e as questões em torno da recensão saída, algo que consta em nossa atual pesquisa de Doutorado. Assim, iniciaremos apresentando o que foi e para o que foi usado o *Livro dos Mortos* e, em seguida, nos debruçaremos na tendência de se voltar ao passado da XXVI Dinastia e como isso afetou o *Livro*. Porém, por se tratar de uma pesquisa em andamento, deixamos claro que nosso intuito aqui é o de expor e levantar indagações, sem, no entanto, poder ainda respondê-las.

Os Mortos e o Livro

Tal afirmação talvez venha a surpreender alguns leitores, mas os antigos egípcios não foram um povo que pudéssemos chamar de fúnebre, ou seja, que pensava na morte a todo o instante. Muito pelo contrário, a morte era temida pelos egípcios, os quais se referiam a ela por meio de eufemismos (TAYLOR, 2001: 12-13).

Nas palavras de John Taylor (*Idem*: 39):

Dentre a variada terminologia aplicada ao ato de morrer, abundam os eufemismos confortantes. Assim a morte é descrita como estando “dormindo”, ou se tornando “cansado” ou “cansado de coração”. Ela é ligada ao sono (um prelúdio apropriado para um despertar para uma nova vida), à partida em uma viagem ou à chegada em uma destinação. A vasta maioria das referências escritas à morte evita a realidade desconcertante da experiência. Representações artísticas do momento da morte são praticamente desconhecidas exceto no caso dos inimigos derrotados ou do rei ou dos deuses.³

Mas além de temida, os egípcios viam a morte como um inevitável momento chave de passagem, o qual inaugurava uma nova e gloriosa forma de existência (*Idem*: 12). A complexidade e vastidão da chamada religião funerária egípcia, que englobava desde a mumificação à construção e equipamento da tumba, tinham o objetivo de permitir que o falecido fizesse uma boa jornada póstuma e renascesse para uma nova forma de vida, tornando-se, assim, um “morto glorificado”, um *akh*. Por outro lado, não realizar o procedimento funerário corretamente poderia fazer com

³ Tradução livre. “*Among the varied terminology applied to the act of dying, comforting euphemisms abound. Hence death is described as being ‘at rest’, or becoming ‘weary’ or ‘weary of heart’. It is likened to sleep (an appropriate prelude to an awakening to new life), departure on a journey, or arrival at a destination. The vast majority of written references to death shun the unpleasant reality of the experience. Artistic depictions of the moment of death are virtually unknown, except in the case of the defeated enemies of the king or the gods.*”

que o indivíduo se tornasse um *mwt*, espécie de morto errante que os egípcios temiam por acreditarem ser ele capaz de trazer problemas, doenças e ameaças diversas (algo que, a bem da verdade, os *akhu* também eram capaz de fazer) (*Idem*: 44).

No bojo disso tudo, função essencial era exercida pela magia. Sendo parte integrante da religião⁴, a magia egípcia atuava nas práticas funerárias de formas diversas, sendo principal sua presença sob a forma de encantamentos escritos ou imagéticos⁵ para auxílio do morto, o qual encarava os mais variados desafios e dificuldades tanto para se tornar quanto para se manter um *akh*. Tais encantamentos figuravam já nas paredes de pirâmides régias do Reino Antigo (aproximadamente, séculos XXVII – XXII AEC) e perduraram, com alterações, mudanças e acréscimos dos mais diversos, até papiros datados dos primeiros séculos de nossa era⁶. Como o formato de registro principal mudou ao longo do tempo, os estudiosos modernos (COLE, 2017: 41) passaram a dividir o percurso de sua produção e uso em três grandes compêndios que tiveram relativa sucessão cronológica: o mais antigo, assim, foi chamado de *Textos das Pirâmides*, seguido pelos *Textos dos Sarcófagos* do Reino Médio (séculos XXI – XVII) e, o que aqui nos interessa, o *Livro dos Mortos*, surgido no Reino Novo (séculos XVI – XI e utilizado desde então).

O nome *Livro dos Mortos* é uma alcunha moderna, a qual foi dada pela primeira vez pelo alemão Karl von Lepsius em 1842. Utilizando um papiro do Período Ptolomaico (332 AEC – 30 EC), Lepsius publicou um trabalho intitulado *Das Totenbuch der Ägypter*, no qual inaugura tanto o nome moderno (*Totenbuch* significa *Livro dos Mortos* em alemão) quanto a ordem de enumeração dos encantamentos que é até hoje seguida (DORMAN, 2017: 29). Possivelmente, isto é uma influência das populações árabes chamarem os papiros encontrados em tumbas de *livros dos mortos* (*kutub-al-unwat*) (QUIRKE, 2013 *apud* SCALF, 2017a: 23). No entanto, é válido ter em mente que os egípcios costumavam chama-lo de *Encantamentos para Sair à Luz do Dia* (rA.w n.w pri.t m hrw) ou, mais expressivamente, *Livro para Sair à Luz do Dia* (tA mDA.t n.t pri.t m hrw), algo que, a bem da verdade, não servia como um título no sentido técnico de nomeação de um livro ou obra, mas sim “uma designação genérica que poderia ser aplicada a qualquer composição funerária que

⁴ Seguimos a linha interpretativa que considera ser a magia uma parte constituinte da religião, principalmente no Egito Antigo. Para checar o debate, vide as discussões tecidas em RIBEIRO, 2017 e, principalmente, RIBEIRO, 2018.

⁵ Como a escrita egípcia era basicamente pictórica, a relação entre escrito e imagem no Egito Antigo deve ser visto muito mais como algo próximo e complementar, com sobreposições sendo a via de regra, do que como esferas separadas e distantes.

⁶ Os últimos remanescentes datam dentre os séculos I e II EC. Cf: SCALF, 2017b: 139.

servisse a um propósito similar⁷, figurando até em certos encantamentos internos do *Livro* (SCALF, 2017a: 2013).

Mesmo com tais ressalvas, é possível nos referirmos às características do *Livro dos Mortos* de maneira geral. Ele era composto pelos chamados encantamentos, os quais envolviam uma parte textual e, na maioria das vezes, uma parte iconográfica, comumente chamada de *vinheta* pelos estudiosos. Apesar de ser costuma dar mais ênfase aos textos, as vinhetas, a bem da verdade, não são um mero recurso ilustrativo para “enfeitar” o *Livro*: como os egípcios acreditavam na eficácia de palavras escritas e imagens, defendemos que é possível, sem risco de incorrer em erro, que as vinhetas e os textos eram de igual importância para os objetivos propostos pelos encantamentos.

O *Livro* teve uma presença marcante durante o período do Reino Novo, momento que produziu importantes e belíssimos papiros como os de Ani e Hunefer (ambos estimados como oriundos da XIX Dinastia egípcia). A variabilidade informada anteriormente foi a grande regra desse período, cujas produções costumam ser chamadas de *recensão tebana* como uma forma de oposição ao esforço de revisão e padronização da posterior *recensão saíta*. Esta, no entanto, só surge no milênio seguinte, no bojo dos esforços e atuação da XXVI Dinastia.

A XXVI Dinastia e o passado egípcio

Os séculos XVI ao XI AEC equivalem ao período egípcio do Reino Novo, momento de grande poderio e esplendor da civilização nilótica. Contudo, os séculos seguintes, os iniciais do I milênio AEC, não são assim tão felizes para os egípcios: de meados do século XI até cerca da metade do século VII, o Egito se viu num quadro de polarização de poderes, no qual o clero do deus Amon⁸ rivalizou com o poder estatal e, não bastasse isso, dinastias faraônicas estrangeiras estiveram no comando. Findada a XX Dinastia, o Egito vivencia um período de governança líbia⁹, sendo quase que imediatamente sucedido por uma dinastia de reis núbios¹⁰. É apenas com a atuação de um agente vindo da Ásia, o então império assírio, que o Egito consegue voltar a ser um estado unificado e governado por reis nativos.

⁷ Tradução livre. “[...] a generic designation that could be applied to nearly any funerary composition that served a similar purpose [...]”.

⁸ Este deus teve seu culto e, subsequentemente, seus templos e clero muito alimentado durante todo o Reino Novo. Assim, a rivalidade de poderio não deixa de ser fruto do quadro de valorização precedente.

⁹ Povo proveniente do deserto situado a oeste do Egito.

¹⁰ Os núbios viviam logo ao sul do Egito e com este detinham relações desde pelo menos o Reino Antigo, no III milênio AEC. Tais relações, entretanto, frequentemente envolviam a tentativa egípcia de dominação e controle do território núbio.

A expansão assíria fez com que esta civilização entrasse em conflito com os últimos regentes núbios da XXV Dinastia. A vitória dos assírios fez com que o Egito fosse anexado por esse império asiático, o qual designou certos indivíduos egípcios, que haviam sido seus aliados na luta contra os núbios, como governadores do território e representantes do conquistador externo (KIENITZ, 1971: 231-232; TAYLOR, 2003: 353). Contudo, problemas com a província da Babilônia, localizada no outro lado do império, impossibilitaram que os assírios conseguissem manter sua dominação efetiva sob o Egito. Com esta oportunidade, um dos representantes egípcios, de nome Psamtek, derrotou os demais vassalos assírios e reunificou o Egito por volta da metade do século VII AEC (KIENITZ, 1971: 233-234; LLOYD, 2003: 365-366). Assim, Psamtek torna-se o primeiro regente da XXVI Dinastia, com capital na cidade de Saís, região do Delta do Nilo.

Vê-se, então, que o Egito da XXVI Dinastia nasce após um grande envolvimento com o elemento do estrangeiro. Não bastasse isso, essa relação com outros povos permanece de forma acentuada ao longo da trajetória dessa dinastia: os faraós saítas não apenas se envolvem em campanhas militares, tecem alianças e relações comerciais com outros povos, como também o uso e presença de soldados mercenários estrangeiros foi fundamental para os governantes dessa dinastia desde a luta de ascensão ao poder de Psamtek I (KIENITZ, 1971: 234-249; LLOYD, 2003: 365-368, 371-373). É provavelmente esse o motivo que levou os reis de tal dinastia a se voltarem ao passado mais distante da civilização egípcia em busca de modelos para suas produções. De fato, tal é uma argumentação comum dentre os estudiosos, apesar de não haver consenso exato sobre como a presença dos estrangeiros levou, em maior ou menor grau, ao “arcaísmo” ou “renascimento” saíta. Temos, por exemplo, Étienne Drioton e Jacques Vandier afirmando ter se tratado de uma resposta a um generalizado contexto de guerras e crises (DRIOTON; VANDIER, 1952: 588), Friedrich Kienitz alegando ter sido um ato de rechaçamento do que ele chama de “a evolução que o Egito iniciou depois da constituição do Novo Império, a evolução de um milênio inteiro”¹¹ (KIENITZ, 1971: 237) e Peter der Manuelian comparando o quadro da XXVI Dinastia a outros momentos de incertezas políticas e econômicas para afirmar se tratarem de situações em que os egípcios preferiram representar e aludir ao momento em que viviam para, ao invés disso, fazerem pontes de ligação com épocas mais remotas (MANUELIAN, 1994: 409). O próprio Manuelian fornece

¹¹ Tradução livre. “[...] la evolución que inició Egipto poco después de la constitución del Imperio Nuevo, la evolución de un milenio entero”. Neste trecho, o autor faz referência ao fato de ter sido a partir do Reino Novo que o Egito iniciou contatos extensos com povos estrangeiros, muitos dos quais passaram a habitar em solo egípcio.

um resumo sobre como o uso do estrangeiro como chave explicativa tende a variar (*Idem*: 408):

Sugestões variaram do termo “renascimento” para mudanças pela falta de criatividade contemporânea (Anthes), a uma ânsia por uma “Era de Ouro” da história egípcia (Otto), para um ecletismo como evidência de uma época de caos (Wolf), a uma lamentação e não saudável retorno (consciente) a uma era cultural há muito abandonada (Erman), para um medo (graças a pressões estrangeiras) de perda de contato com o tempo de criação inicial e, com isso, a identidade cultural coletiva (Assmann), a uma confusão da era mítica primeva com o passado histórico (Brunner, Eigner).¹²

As causas da tendência arcaísta da XXVI Dinastia são, assim, motivo de intenso debate. Por outro lado, é mais fácil aludirmos às facetas que isso levou. É observável como o período saíta se voltou para o passado egípcio nas mais diversas áreas: arquitetura, arte e iconografia, ideias religiosas, etc. Diferentes períodos anteriores da história egípcia foram visados dependendo da esfera almejada, sendo, em especial, os momentos hoje chamados de Reino Antigo, Primeiro Período Intermediário e Reino Médio os mais principalmente utilizados (KAHL, 2010: 6; MANUELIAN, 1994). No entanto, o Reino Novo não deixou de ser importante: não apenas Jachem Kahl afirma que a região de Tebas, no Sul do Egito, deu maior ênfase a essa temporalidade (KAHL, 2010: 6), como Manuelian aponta influências do Reino Novo ao fim de sua investigação sobre como essa busca saíta pelo passado se deu a nível linguístico (MANUELIAN, 1994: 406). Ademais, o próprio *Livro dos Mortos*, nosso foco neste texto, pode ser apontado como exemplo de olhar em direção ao Reino Novo.

Por fim, a terminologia empregada para fazer referência a essa atitude da XXVI Dinastia deve ser debatida, mesmo que não exista um consenso acadêmico sobre qual conceito ser empregado e nem a forma que deve ser compreendido (*Idem*: 3-4). Apesar disto, aludimos anteriormente a duas possibilidades de termos, *renascimento* e *arcaísmo*, os quais merecem, então, uma atenção especial.

Talvez o melhor exemplo atualmente existente de estudioso que empregue o conceito de *renascimento* seja o egiptólogo alemão Jan Assmann, autor que também abrange o fenômeno, ao menos parcialmente, para a XXV Dinastia, de regentes núbios. Em suas palavras (ASSMANN, 2002: 340-341):

¹² Tradução livre. “Suggestions ranged from the term ‘renaissance’, to a replacement for the lack of contemporary creativity (Anthes), to a longing for the ‘Golden Age’ of Egyptian history (Otto), to a ecletism as evidence of an age in chaos (Wolf), to a pitiable and unhealthy (conscious) return to a long since abandoned cultural era (Erman), to a fear (due to foreign pressures) of losing contact with the time of original creation and hence one’s collective cultural identity (Assmann), to a confusion of the mythical primeaval age with the historical past (Brunner, Eigner).”

[...] a consciência histórica das Vigésima-quinta e Vigésima-sexta dinastias, apesar de dependentes de várias formas tradicionais de referência ao passado, era mais uma vez totalmente diferente, tanto qualitativamente quanto quantitativamente. Referências ao passado agora ocorrem em uma escala que era completamente sem precedentes na história egípcia e certamente merece ser chamada de *renascimento*. [...] o Egito agora descobriu sua própria antiguidade e a elevou a um patamar de passado normativo. [...]. Este retorno indiscriminado aos modelos do passado equivale a uma revolução cultural, a qual se espalha para cada aspecto da vida egípcia.¹³

Assmann faz referência ao fato afirmado anteriormente de que o uso do passado era algo já existente na civilização egípcia (*Idem*: 339-340). Já o fenômeno que ele chama de renascimento é, como pode ser visto na citação acima, singular, além de ser tido por ele como positivo e sem relações com qualquer ideia de decadência cultural (*Idem*: 342-343). No entanto, apesar de o próprio autor rebater isso, seu uso do conceito de *renascimento* não deixa de induzir a uma análise de certa forma pejorativa, graças principalmente ao paralelismo exposto por Núria Castellani i Solé (1998-2000: 2):

Este momento da história é chamado muitas vezes de “renascimento saíta”, colocando-o em relação com o conceito de Renascimento europeu e estabelecendo um paralelismo entre a Idade Média (entendida como a Idade das Trevas) e o retorno às tradições greco-romana que supunha o Renascimento, e a “Idade das Trevas” que suporia o Terceiro Período Intermediário [séculos XI-VII AEC] e o posterior “renascimento” saíta. Após um período de governo estrangeiro sob o território egípcio, primeiro com os faraós líbios, cuxitas¹⁴ e depois com os assírios, com a XXVI Dinastia o controle da monarquia vai retornar a mãos de faraós autóctones e com os novos faraós egípcios ela vai reencontrar o esplendor de tempos passados. A arquitetura, as artes e a literatura vão colocar os olhos sobre épocas gloriosas do passado egípcio [...].¹⁵

¹³ Tradução livre. “[...] the historical consciousness of the Twenty-fifth and Twenty-sixth Dynasties, though dependent upon various traditional forms of reference to the past, was wholly different again, both qualitatively and quantitatively. References to the past now took place on a scale that was completely unprecedented in Egyptian history and that certainly merits being called a renaissance. [...] Egypt now discovered its own antiquity and elevated it to the rank of a normative past. [...]. This wholesome return to the models of the past was tantamount to a cultural revolution, and it spread into every aspect of Egyptian life”.

¹⁴ Referência aos faraós de origem núbia da XXV Dinastia. A origem do termo “cushita” vem do próprio nome do reino então existente na região da Núbia, Kush.

¹⁵ Tradução livre. “Aquest moment de la història és anomenat moltes vegades ‘renaixement saïta’, posant-lo en relació amb el concepte del Renaixement europeu i establint un parallelisme entre l’edat mitjana (entesa com a edat fosca) i el retorn a les tradicions de la cultura grecoromana que va suposar el Renaixement i l’‘edat fosca’ que suposava el Tercer Peíode Intermediari i el posterior ‘renaixement’ saïta. Després d’un període de govern estranger del territori d’Egipte, primer amb els faraons libis, cuxites i després amb els assiris, amb la dinastia XXVI el control de la monarquia va retornar a mans autòctones i amb els nous faraons indígenes es va retrobar l’esplendor de temps passats. L’arquitectura, les arts i la literatura van posar els seus ulls en èpoques gloriose del passat d’Egipte [...]”.

O paralelismo descrito pela autora aponta a visão de que, após um período de instabilidades e dominações estrangeiras por líbios, núbios e, muito brevemente, assírios, os esforços da XXVI Dinastia seriam um último e decadente sopro da cultura egípcia. É uma linha de raciocínio desse tipo que encontramos, por exemplo, na obra conjunta de Drioton e Vandier, os quais não se privaram de afirmar que o Egito do período saíta enfrentava uma impossibilidade criativa e que os esforços de se utilizar do passado demonstram uma espécie de superficialidade de uma cultura que caminhava para o seu fim (DRIOTON; VANDIER, 1952: 588-591). Felizmente, os estudos realizados nas últimas décadas têm chamado a atenção para as inovações e remodelagens que os saítas realizaram nos modelos antigos que se embasaram, apontando assim para a capacidade produtiva e não meramente reprodutiva do período (Vide, por exemplo: CASTELLANO I SOLE, 1998-200: 2, 23; MANUELIAN, 1994: 2-3, 409).

Já o segundo termo, *arcaísmo*, é a opção utilizada por autores como Manuelian e Kahl. Ele torna-se mais vantajoso, a nosso ver, por ser a nomenclatura usada para afirmar que a prática de se voltar a alguma época do passado é algo recorrente na civilização do Egito faraônico, algo que era realizado com intuios variados mas que muito ocorria como forma de legitimação de poder político (KAHL, 2010: 5). Dessa forma, o *arcaísmo* é um elemento novo, como já foi vimos ser afirmado por Assmann, mas sim algo que atinge seu zênite no período que aqui nos ocupamos (*Idem*: 2, 5; MANUELIAN, 1994: 2-3). A definição da palavra fornecida por Jochem Kahl (2010: 1) auxilia bem na compreensão da questão:

Arcaísmo denota um retorno consciente a estilos e modelos do passado que deixaram de ser usados a um longo tempo. Arcaísmo pressupõe um lapso substancial entre o modelo e a cópia. Formas, tipos e estilos de períodos anteriores eram imitados ou emulados, apesar de frequentemente não desejar que os modelos fossem copiados de forma tão obediosa e sem originalidade que futuras gerações acreditariam que as cópias na verdade datassem de uma era precedente.¹⁶

Assim, compreender a prática saíta como se tratando de um *arcaísmo*, na forma como é expressa acima, traz mais benefícios do que chamá-la de renascimento. Kahl enfatiza ainda que o critério de lapso temporal é importante para o conceito de arcaísmo pois permite que se distinga entre ele e o conceito de *tradição*, algo que o autor comprehende envolver continuidade ininterrupta. Ao termos em conta

¹⁶ Tradução livre. “*Archaism denotes a conscious return to past styles and models that have long been out of use. Archaism presupposes a substantial lapse between the model and the copy. Forms, types, and styles from earlier periods were imitated or emulated, although it was usually not intended that the models be copied so slavish that future generations would believe the copies actually dated to an earlier era.*”

que os saítas governaram após dominações de dinastias estrangeiras e se voltando para períodos mais recuados, alguns casos em cerca de até dois mil anos, vemos como esse critério de ruptura pode vir a ser benéfico para nossas análises. Tal é o caso, inclusive, do *Livro dos Mortos*, para o qual nós nos voltamos novamente.

O Livro dos Mortos saíta

O *Livro dos Mortos* permaneceu sendo utilizado até o início da XXII Dinastia, mas desapareceu durante os trezentos anos que se seguiram (MOSHER JR, 2017: 85). Ele retorna por volta de fina da XXV Dinastia, mas é durante o período saíta que sua reutilização ganha novas forças e contornos (*Ibidem*; SCALF, 2017: 141). Durante este novo momento, o *Livro* ganha uma espécie de nova versão que costuma ser chamada pelos estudiosos de *recensão saíta*, a qual mostrou inovações em relação à recensão tebana anterior: patronizou-se e revisou-se textos e vinhetas, além de terem conferido uma ordem sequencial aos encantamentos. Ao pensarmos na questão da variabilidade anterior, tal novo molde não deixa de ser digno de nota. Daí em diante, a versão saíta é seguida como uma tradição pelos séculos seguintes, apesar das alterações regionais e até mesmo cronológicas não terem deixado de aparecer¹⁷. Temos, assim, uma inauguração de uma nova tradição do *Livro*, com diferenças em relação ao que existia no Reino Novo.

Contudo, a questão não é assim tão simples quanto parece ser à primeira vista. Podemos começar a descortiná-la a partir de um debate sobre a palavra *tradição* usada. O que chamamos de tradição consistia num ponto basilar da civilização egípcia, a qual conseguiu fazer com que estruturas sociais, políticas, culturais, etc., perdurassem grosso modo por séculos e até mesmo milênios, apesar das mutações internas pelas quais passavam. Como foi bem posto por Jean Winand, “para a maioria dos egípcios, tradição significava reproduzir o que foi feito antes, idealmente aquilo que tem sempre sido feito desde o início dos tempos, algo que eles chamavam de *zp tpj*, ‘o primeiro tempo’”¹⁸ (WINAND, 2017: 19). Este autor ainda nos apresenta duas facetas da ideia de tradição: segundo sua argumentação, a tradição pode ser produtiva ou reproduutiva. Enquanto a primeira vai envolver maior dinamismo e mudança, a segunda tende a ser mais conservadora e imutável (*Idem*: 20-21), apesar de ela também ser capaz de gerar mudanças graças aos recorrentes

¹⁷ Eis um tema que vem sido estudado pelos últimos anos pelo professor Malcolm Mosher Jr., o qual tem se esforçado em publicar compêndios dessa nova versão e suas alterações. Para um resumo, vide: MOSHER JR, 2017: 85-96.

¹⁸ Tradução livre. “For most Egyptians, tradition meant reproducing what has been done before, ideally what has always been done since the beginning of time, what they called the *zp tpj* ‘the first time’”.

atos de correções, erros, interpolações e demais elementos que estão presentes na realização do trabalho de copistas (*Idem*: 24).

Tanto a tradição produtiva quanto a reprodutiva são atestáveis no Egito Antigo¹⁹, além de serem úteis ferramentas para se pensar as dinâmicas internas de cada recensão (tebana e saíta) do Livro dos Mortos. No entanto, não podemos nos esquecer que, seguindo a proposição de Kahl, entendemos tradição como algo que envolve continuidade, de modo que não entendemos haver uma linha de propagação de tradição entre as recensões, mas sim uma retomada de cunho arcaístico.

Apesar disso, é coerente afirmarmos que a visão dos próprios egípcios é oposta à nossa, analistas modernos. Como a reprodução do que foi feito antes era algo basilar da cultura egípcia, não é forçoso afirmar que eles viam a retomada do *Livro* pela recensão saíta como nada mais que uma continuidade de algo existente e importante anteriormente, mesmo que tenham realizado alterações em relação à recensão tebana. Isso chama muito a atenção para como esse jogo de inovação e continuidade se estabelece no tocante ao *Livro*, sendo que diversas questões podem ser levantadas, tais como: de que maneira a reformação da recensão saíta pode ser compreendida em face da recensão tebana? Que tipo de relações as produções do *Livro* pela XXVI Dinastia mantiveram com as anteriores e, ademais, quais motivações podem ter levado os saítas a realizarem a padronização? Em que medida pode ser afirmado e, se possível, atestado, que realmente tenha se tratado de uma continuidade ou de uma renovação? São perguntas desse gênero que têm norteado nossa atual pesquisa.

Considerações finais

As questões que levantamos ao fim do último tópico consistem em nossa problemática de pesquisa. Como nossa investigação está em andamento e, além disso, teve início recente, não temos como procurar fornecê-las respostas, da mesma forma que julgamos melhor evitar expor e debater as hipóteses que atualmente possuímos e que ainda se encontram a nível deveras teórico. Em outras palavras, o patamar atual de trabalho nos desaconselha a avenir a discussão por hora.

O *Totentbuch* de Lepsius foi publicado há cerca de 150 anos, mas ainda há muito o que ser feito, descoberto, pesquisado e analisado para que nossa sociedade consiga solidificar seus conhecimentos sobre o *Livro dos Mortos* egípcio. Não apenas novas descobertas arqueológicas podem trazer material inédito, como também muito

¹⁹ Enquanto a reprodutiva é mais fácil de ser observada, Winand debate como a tradição produtiva é presente nos textos literários egípcios. Ver: *Idem*: 26-32.

do que se encontra já escavado precisa sair das gavetas de museus e arquivos e, além disso, o que já foi estudado deve ser constantemente revisto sob a luz de novas ideias e conhecimentos. Apesar de tudo isso, é preciso evitar a tendência de se encarar o *Livro dos Mortos* como algo em separado das demais crenças egípcias, recolocando-o no bojo de um quadro panorâmico muito maior: as práticas e crenças egípcias sobre o fenômeno da morte, que perduraram, evoluíram e nortearam uma faceta importante da sociedade do Egito Antigo por mais de três mil anos.

Bibliografia

- ANDREWS, Carol A. R. "Introduction". In: FAULKNER, Raymond O. *The Ancient Egyptian Book of the Dead*. London: The British Museum Press, 2010.
- ASSMANN, Jan. *The Mind of Egypt: History and Meaning in the Time of Pharaohs*. New York: Metropolitan Books, 2002.
- CARDOSO, Ciro F. S. Tempo e espaço no antigo Egito: sua fundamentação mítica sob o Reino Novo. In: _____. & OLIVEIRA, Haydée (orgs.). *Tempo e Espaço no Antigo Egito*. Niterói-RJ: PPGHistória-UFF, 2011, pp. 59-92.
- CASTELLANO I SOLÉ, Núria. *L'Arquitectura Funerària al Període Saita*. Programa de Doctorat: Socioeconomia de la Prehistòria i la Baixa Romanitat, Departament de Prehistòria, Història Antiga i Arqueologia, Universitat de Barcelona. 1998-2000.
- COLE, Emily. "Language and Script in the Book of the Dead." In: SCALF, Foy (ed.). *Book of the Dead. Becoming God in Ancient Egypt*. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 2017, pp. 41-48.
- DAVID, Rosalie. *Religião e Magia no Antigo Egito*. São Paulo: Bertrand Brasil, 2011.
- DORMAN, Peter F. "The Origins and Early Development of the Book of the Dead." In: SCALF, Foy (ed.). *Book of the Dead. Becoming God in Ancient Egypt*. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 2017, pp. 29-40.
- DRIOTON, Étienne; VANDIER, Jacques. *Les Peuples de L'Orient Méditerranéen II : L'Égypte*. Paris : Presses Universitaires de France, 1952.
- ERMAN, Adolf. *A Handbook of Egyptian Religion*. London: Archibald Constable & Co. LTD., 1907.
- KAHL, Jochem. Archaism. In: DIELEMAN, Jacco; WENDRICH, Willeke. **UCLA Encyclopedia of Egyptology**, Los Angeles, 2010.
- KIENITZ, Friedrich Karl. "El Renacimiento Saita". In: CASSIN, Elena; BOTTÉRO, Jean; VERCOUTTER, Jean. *Los Imperios del Antiguo Oriente III: la primera mitad del primer milenio*. Madrid: Ediciones Castilla, 1971, pp. 234-236.

- LLOYD, Alan B. "The Late Period (664-332 BC)". In: SHAW, Ian (ed.). *The Oxford History of Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press, 2003, pp. 365-368.
- MANUELIAN, Peter der. *Living in the Past: Studies in Archaism of the Egyptian Twenty-sixth Dynasty*. London and New York: Kegan Paul International, 1994.
- MOSHER JR, Malcolm. "Transmission of Funerary Literature: Saite Through Ptolemaic Periods". In: SCALF, Foy (ed.). *Book of the Dead. Becoming God in Ancient Egypt*. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 2017, pp. 85-96.
- SCALF, Foy. "What is the Book of the Dead." In: _____ (ed.). *Book of the Dead. Becoming God in Ancient Egypt*. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 2017, pp. 21-27.
- _____. "The Death of the Book of the Dead." In: _____ (ed.). *Book of the Dead. Becoming God in Ancient Egypt*. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, 2017, pp. 139-147.
- RIBEIRO, Thiago H. P. Entre a Religião e a Magia: (re)pensando o estudo do Egito Antigo. **Revista Jesus Histórico**, Rio de Janeiro, vol. 18, nº 17, p.121-135, ano X [2017].
- _____. A Magia no Egito Antigo: uma proposta de definição. **Revista Hélade**, Rio de Janeiro, vol. 4, p. 72-96, 2018.
- TAYLOR, John H. *Death and the Afterlife in Ancient Egypt*. London: The British Museum Press, 2001.
- _____. "The Third Intermediate Period (1069-664 BC)". In: SHAW, Ian (ed.). *The Oxford History of Ancient Egypt*. New York: Oxford University Press, 2003, pp. 324-363.
- WINAND, Jean. "(Re)productive traditions in Ancient Egypt: some considerations with a particular focus on literature and language(s)". In: GILLEN, Tod (ed.). *(Re)productive Traditions in Ancient Egypt: Proceedings of the conference held at the University of Liège, 6th – 8th February 2013*. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2017, pp. 19-40.